

## Editorial

**A**lceu é uma revista de comunicação, cultura e política do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nasce sob a inspiração do jornalista e pensador Alceu Amoroso Lima, um dos fundadores da PUC-Rio.

Nosso objetivo primeiro é divulgar a produção intelectual dos nossos professores, e, ao mesmo tempo, ampliar o diálogo com pesquisadores de outros departamentos e instituições numa perspectiva transdisciplinar. O debate, a confrontação das idéias e o pluralismo de concepções são os princípios que norteiam a nossa filosofia editorial. O compromisso com os temas que dizem respeito à realidade social, cultural e política do nosso país é um desafio que propomos aos nossos colaboradores, sem dele fazer exclusividade. Mas o respeito à diferença e à ética da convivência acadêmica é uma norma que pautará nossas ações.

Queremos também render homenagem à instituição da qual participamos. A PUC-Rio, todos sabemos, tem sido um exemplo de exigência científica e seriedade acadêmica na constante busca pela excelência em todos os campos de sua atuação. Sua história está ligada à formação de inúmeros quadros dirigentes da nação brasileira e à produção de um pensamento científico e cultural caracterizado pela originalidade e o compromisso social.

Entendemos a comunicação como um ato eminentemente social de encontro com o outro. O espaço da construção do diálogo, da elaboração do sentido e da pesquisa das diferentes expressões e linguagens para entendermos melhor o mundo em que vivemos. É assim também o lugar da convivência, da tolerância e do respeito ao outro, onde a ética se torna sua primeira exigência. Seu campo é por natureza abrangente, multidisciplinar e necessariamente técnico.

Já cultura e política são termos que definem espaços privilegiados de estudo e pesquisa no âmbito da comunicação social. Produto da vida social, a cultura é o processo de humanização do mundo que nos revela as diferenças e as identidades presentes em nosso planeta. Neste sentido, a comunicação interage com a cultura num amplo painel de interesses e objetos de estudo. O mesmo podemos dizer da política. Definida como a arte e a ciência do governo, ou como a doutrina do direito e do moral, ou ainda como a teoria do estado ou o estudo dos comportamentos intersubjetivos, segundo o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, a política é lugar onde a comunicação se realiza. Sem ela não há política. Com temas próprios ou correlatos, estes dois campos de estudo são extremamente reveladores das oscilações históricas das sociedades dos homens.

Concreto exemplo de uma vida dedicada a comunicar o espírito do mundo por um olhar honesto, sincero e profundo, Alceu Amoroso Lima nos deixou em 14 de agosto de 1983. Mais do que dizer quem ele foi, preferimos passar a palavra ao nosso poeta maior Carlos Drummond de Andrade. Dois dias após a morte do pensador, o poeta o homenageia com seus versos livres e inspirados, publicando no Jornal do Brasil de 16 de agosto de 1983 o poema “Alceu, Radiante Espelho” que abaixo reproduzimos:

Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,  
Para um sol de infinita duração.  
Lá se vai Alceu, sem as melancolias do passado  
Que para ele tinha a forma de um casarão azul,  
E sem as ilusões adolescentes do progresso.  
Julga-se ouvir no seu trânsito

Os acordes da sonata para piano e violino de Cesar Franck  
Que tanto ele amava.  
Seu claro riso e humana compreensão e universal doçura  
Revelam que pensar não é triste.  
Pensar é exercício de alegria  
Entre veredas de erro, cordilheiras de dúvida,  
Oceanos de perplexidade.  
Pensar, ele o provou, abrange todos os contrastes  
Como blocos de vida que é preciso polir e facetar  
Para a criação da pura imagem:  
O ser restituído de si mesmo,  
Contingência em busca da transcendência.

Lá se vai Alceu: as letras não o limitam  
No paraíso da sensibilidade das palavras  
Que substituem coisas e sentimentos,  
Diluindo o sangue de existir.  
Para além das letras restam indícios mais luminosos  
De uma insondável, solene realidade  
De muitos tentam aproximar-se  
Com a cegueira de seus pontos de vista  
E a avidez de sua insatisfação.  
Alceu chega bem perto do foco incandescente  
E não tem medo.  
Sorri. Venceu o conformismo  
Com a classe, a carreira, a biografia.  
Alceu, radiante espelho  
De humildade e fortaleza entrelaçadas.  
Não chora as ruínas da esperança.  
Com elas faz uma esperança nova  
De que a justiça não continue uma dor e um escândalo  
De incrível raridade,  
E sim atmosfera do ato de viver  
Em liberdade e comunhão.

Lá se vai Alceu, gentil presença,  
Convívio militante entre solidões de idéias  
Cada vez mais fechadas – e ele aberto  
Aos ventos do mundo, à decifração do lancinante  
Anseio de instituir a paz interior  
No regaço da paz exterior:  
Anseio de homens  
Desencontrados, tontos, malferidos  
No horror da vida escrava do azinhavre  
De moedas viciadas no Poder da Terra.  
Alceu tão frágil no seu grande corpo  
Que não comanda os rumos da aventura  
Mas adverte, ensina, faz o gesto.  
Que anima a prosseguir e a procurar  
A mais exata explicação do homem  
E lá se vai Alceu, servo de Deus,  
Servo do Amor, que é cúmplice de Deus.

Carlos Drummond de Andrade © 1988 Graña Drummond